

A ineficiência do BIRD

da The Economist
(Continuação da 1ª página)

várias indústrias têm sido mantidas no setor público apenas para garantir um financiamento por parte do Banco Mundial.

Algumas pessoas bem informadas argumentam que o Banco Mundial não está bem adaptado para encorajar os empreendimentos privados, porque os seus estatutos o proíbem de fornecer empréstimos ao setor privado. Essas pessoas, exatamente como o Tesouro dos Estados Unidos, argumentam pela necessidade de modificações nesses estatutos. Outros afirmam que a melhor maneira de se conseguir que os setores privados entrem em funcionamento seria através de uma reforma do setor público: o Banco Mundial pode se utilizar do seu cativeiro junto aos países pobres para insistir em reformas estruturais quando lhes emprestar dinheiro. No entanto, é um pouco tarde para se pensar nisso: os crescimentos do banco na concessão de empréstimos e conseqüentemente no seu poder de influência, a não

ser em alguns países como a China, o Vietnã e a Argentina, provavelmente deverão passar por uma redução no decorrer dos próximos anos.

O conflito entre os setores público e privado está também afetando os relacionamentos entre diferentes partes do grupo do Banco Mundial. A International Finance Corporation (IFC), o departamento do banco referente ao setor privado, pode conceder empréstimos ao setor privado, da mesma forma como pode fazer investimentos em capital. Existem exemplos famosos de péssima comunicação entre o Banco Mundial e a IFC; e ambos os lados conseguiram deixar os seus clientes confusos oferecendo-lhes preços diferentes em troca do mesmo serviço. Uma ampla revisão (uma perspectiva muito temida) está agora sendo realizada com a finalidade de encontrar uma solução para os conflitos.

O resultado depende de mais do que apenas uma dose considerável de boa vontade. A IFC necessita urgentemente duplicar o

seu capital com uma injeção de US\$ 1,3 bilhão a serem fornecidos pelos seus governos acionistas. O Tesouro norte-americano está bloqueando esse esquema. Ele acha que mesmo a IFC, principalmente no setor de privatizações, não está sendo suficientemente ousada. Ele também quer que a IFC se mostre menos sedenta de transações e que ela converse mais com os governos a respeito de políticas a serem adotadas. Uma vez que isso significaria, necessariamente, que o Banco Mundial conversaria menos com os governos, um dos principais motivos do Tesouro em pressionar a IFC está em poder desferir alguns golpes contra o próprio Banco Mundial.

Este é o mundo no qual Lewis Preston está prestes a ingressar. Ele é um homem acostumado a ter suas ordens sempre obedecidas e não resta a menor dúvida de que ele tem a disposição férrea necessária para a realização de uma grande operação de limpeza no seu novo estabelecimento. Um perfeito aristocrata da Costa Leste, do ti-

po que mais agrada ao presidente George Bush, ele também não terá quaisquer problemas em enfrentar reuniões com os ricos líderes dos países mais pobres.

Ao assumir o cargo, Lewis Preston, que há dois anos insistiu em que o J.P. Morgan sacudisse a poeira das dívidas do Terceiro Mundo que ainda cobriam os seus pés (ele montou reservas referentes à exposição total do banco), está agora demonstrando uma recomendável simpatia em relação aos pobres mal alimentados do mundo inteiro.

É justamente aí que se encontra o problema. A presidência do Banco Mundial tem o hábito de circundar os seus ocupantes com uma aura quente e bem intencionada. Mais do que em qualquer outro momento nos seus 64 anos de vida, Lewis Preston necessita agora do seu cérebro frio de banqueiro comercial. E nenhuma sensação de simpatia pelos bandos de desnutridos do mundo inteiro deve poder atrapalhar o caminho que ele terá de trilhar.

A ineficiência do BIRD

da The Economist

"O Banco Mundial que Lewis Preston irá assumir", declarou o jornal Washington Post há uma semana, "está em excelentes condições." Do ponto de vista financeiro, talvez; noutros sentidos, essa afirmação não corresponde à verdade. Pessoas bem informadas admitem que, tanto por parâmetros internos quanto externos, o Banco Mundial fracassou consideravelmente durante os anos 80, no sentido de transformar em realidade todas as suas promessas. Principalmente, ele não reagiu com coerência ao fardo da dívida do Terceiro Mundo e a dez anos de crescimento estagnado nos países mais pobres, provavelmente por não ter realizado uma revisão na sua agora imensa máquina burocrática.

Um diretor-presidente aposentado do J. P. Morgan, Preston, o novo presidente do Banco Mundial, necessitará de todas as suas habilidades no setor

da organização caso ele (corretamente) decida, em setembro próximo, transformar essa burocracia no seu primeiro alvo. O que se necessita é de um esforço para a limpeza dos estábulos, numa proporção digna das façanhas de Hércules. O seu antecessor, Barber Conable, que se está aposentando após cinco anos no cargo, compreendeu o tamanho da tarefa quando iniciou suas atividades. Mas ele se utilizou dos instrumentos errados para a tarefa.

Teoricamente, ele demitiu milhares de funcionários. Mas, depois, encarregou cada nível administrativo de nomear os membros do nível inferior. Os administradores restringiram-se a renomear os velhos amigos, e a já considerável tendência do Banco Mundial em desenvolver feudos e um esquema todo de feudalismo acabou sendo ainda mais reforçado.

Barber Conable, por esse motivo, está passando adiante um Banco Mundial

com 6 mil funcionários, com custos de folha de pagamentos superiores a US\$ 900 milhões — US\$ 150 mil per capita —, inflada ainda mais por benefícios adicionais como viagens aéreas de primeira classe. A tudo isso é preciso somar-se mais mil consultores, contratados para realizar trabalhos para os quais — vamos fazer de conta — o banco não possui funcionários suficientes ou para os quais seus funcionários não têm tempo disponível.

Os números são simplesmente absurdos. O mesmo pode ser dito a respeito da grande concentração em Washington. Apenas uma décima parte dos funcionários trabalha nos países pobres. Quando os funcionários do Banco Mundial visitam esses países, equipes não coordenadas ficam tropeçando umas nas outras. O Ministério das Finanças da Checoslováquia, por exemplo, está passando atualmente por momentos de desespero por causa de dez equipes diferentes, cada uma delas formada por

vários membros, que estão se locomovendo de um lado para o outro no país.

Uma falta de direção definida levou à criação de um meandro de metas no Banco Mundial durante os anos 80. É bem verdade que, durante o seu período de mandato, Barber Conable rapidamente conseguiu identificar uma série de temas — principalmente o meio ambiente e o papel desempenhado pelas mulheres — que estão agora assumindo uma importância central para a política de desenvolvimento. No entanto, até recentemente ele ainda estava afirmando o que considera como sendo a principal tarefa do Banco Mundial: combater diretamente a pobreza — medida, por exemplo, em termos bastante toscos, como a ingestão diária de calorias. Essa deveria ter sido a prioridade do Banco Mundial há muito tempo.

O fato de não ter sido sua prioridade se deve, em larga escala, ao relacionamento de excesso de camaradagem do Banco Mundial com os governos dos países-clientes. A ortodoxia econômica da última década enfatizou corretamente o papel do setor privado no desenvolvimento. O Banco Mundial aceita isso de bom grado. No entanto, na prática, ele fortaleceu os setores públicos de alguns países em detrimento dos seus setores privados. Os seus empréstimos, por exemplo, serviram para reforçar as políticas socialistas e pouco produtivas da Índia. Na Colômbia,

(Continua na página 19)